

QUESTÕES DA SUBJETIVIDADE NO DESIGN: UMA INVESTIGAÇÃO DAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO ENVOLVIDAS NAS OFICINAS DE ARTESANATO DA AMEBRAS.

Aluna: Sandra Barbosa Bastos
Orientadora: Denise B. Portinari

Introdução

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo inicial estudar o papel da prática artesanal na vida de mulheres das comunidades do Rio de Janeiro. A pesquisa foi concebida em parceria com a AMEBRAS (Associação de Mulheres Empreendedoras do Brasil) que é uma instituição civil sem fins lucrativos, que desenvolve e executa programas voltados para a defesa da igualdade de oportunidades e principalmente a melhoria da condição político-econômica da mulher artesã. Um dos programas da AMEBRAS é o Carnaval e Cidadania, constituído por uma série de oficinas na qual as artesãs tem a oportunidade de aprender e/ou aperfeiçoar seus conhecimentos e criar objetos derivados do segmento carnavalesco, que são comercializados em pontos de venda da AMEBRAS localizados em diversos pontos turísticos. Através de uma pesquisa participativa realizada nesse ambiente foi examinado o processo produtivo, bem como o saber fazer das oficinas e os aspectos subjetivos envolvidos na vivência das artesãs ao produzirem artefatos carnavalescos. A partir dos resultados obtidos nesta fase da pesquisa, houve o planejamento de uma intervenção de design junto a estas oficinas, o qual resultou na criação de um produto para fazer máscaras, que encontra-se no período de Patentes e proteção do Direito do Autor, pelo ENPI (Escritórios de Negócios em propriedade Intelectual – PUC Rio)

Objetivo

A pesquisa teve como objetivo, primeiramente, o estudo de aspectos subjetivos envolvidos no processo de produção das oficinas de artesanato “Carnaval e Cidadania”, promovidos pela AMEBRAS. Neste mesmo ambiente, foi desenvolvida uma pesquisa participativa e exploratória que nos forneceu orientações, através das falas das artesãs, para o planejamento de uma ação de design. As características e os objetivos dessa ação vem sendo discutidas junto às oficinas e comunidades artesanais, e como resultado dessas discussões foi estabelecido o objetivo de propor melhorias no processo de produção e de comercialização do produto final. Desta forma, este projeto segue a tendência observada em diversas ações em design que tem sido tomadas como objetos de pesquisas acadêmicas, voltadas para a questão do artesanato, seus saberes e os processos de intervenção em comunidades artesanais. (CABRAL, F.G.S., 2007; OLIVEIRA, M.L.G., 2006 e BARROS, L.A.S., 2006).

É importante ressaltar que a maioria das pesquisas realizadas nesses contextos levam em conta os fatores culturais e subjetivos envolvidos nas comunidades artesanais que são alvos de ações de design.

Metodologia

A partir de contatos iniciais com o grupo de mulheres artesãs na AMEBRAS, estabeleceu-se uma grande integração da pesquisadora com o grupo o que contribuiu muito para a pesquisa dos fazeres desenvolvidos nas oficinas. Após o término destes cursos, houve grande recesso por período de férias para manutenção estabelecido pela própria AMEBRAS. Desta forma ficamos impossibilitados de observar o trabalho destas artesãs dentro dos barracões o que nos deu a oportunidade de desenvolver novas investigações dos fazeres destas artesãs em suas residências. A partir deste momento, a

pesquisa foi direcionada a novas questões: Como estas artesãs desenvolvem o artesanato em suas casas? Estas artesãs conseguem produzir artesanato carnavalesco em suas casas? Ela trabalham sozinhas? Quais ferramentas utilizam? Como acontece o improviso de ferramentas? Em que condições trabalham? Na AMEBRAS é ensinado o uso do improviso como parte do aprendizado, é possível improvisar em casa? Até o momento, estamos trabalhando através de pesquisa de campo o universo artesanal em que estas mulheres estão inseridas dentro de suas próprias residências. Os relatos e registros resultantes dessa participação e dessas conversas foram realizados pela pesquisadora sob a forma de anotações livres, e fotografias do espaço/setor de trabalho das artesãs e dos suportes e artefatos improvisados envolvidos em sua execução.

Saídas de campo

A pesquisa desde o início já é uma ação em design, e como resultado concreto foi produzido, após uma criteriosa investigação neste setor, um produto para produção de máscaras. Enquanto a mesma está em processo de sigilo para patente, estamos a campo a fim de investigar os fazeres destas artesãs em suas residências.

Mostraremos aqui os resultados destas investigações. Usamos como critério para esta análise investigativa mulheres oriundas de Projetos Social inserido no universo carnavalesco e produtoras de artesanatos em sua residência. A partir da pesquisa desenvolvida na Amebras podemos conhecer estas artesãs. A primeira residência a ser visitada foi a de Helena, moradora do Centro do Rio de Janeiro. Helena trabalha com artesanato há mais 10 anos, mas nunca desenvolveu nada relacionado a carnaval em sua casa. Na Amebras teve aulas de adereço, onde aprendeu a fazer máscaras. “ Foi um curso muito bom, eu já sabia fazer algumas coisas, mas aqui em casa não faço máscaras porque não dá para trabalhar sozinha numa face de manequim”, afirma. Uma das principais dificuldades de Helena para trabalhar em casa é a estocagem dos materiais: miçangas, lantejolas, papeis, e armazenamento das ferramentas que precisa para produzir. Desta forma, ela improvisa o que pode para tentar organizar-se. Ela diz: “Aqui é um improviso constante, quase todo potinho eu nunca joga fora, sempre aproveito”.



Pote de lenço umedecido, reutilizado para guardar miçangas e pedrarias.

Esponjas para trabalhar texturas, tampas de enlatados para fazer misturas, além de lixas de unhas e espátulas de sorvetes.





Para guardar ferramentas Helena usa potes de sorvetes.

E blocos de isopor de caixa de som, são usados para secagem dos frascos que já foram pintados.



Para seu posto de trabalho, Helena descarta sua mesa, ela prefere trabalhar no sofá e utiliza duas cadeiras como seu suporte de trabalho. “minha mesa tem muitos frisos, eu perco tempo procurando as miçanguinhas que rolam nela, além do mais ela é alta, minha coluna dói.”, conta.



Helena trabalha sempre em sua sala, pois há mais presença de luz, sua mesa apenas serve para estocagem do material que será usado, e as vezes também para secagem de caixas de MDF.

As duas cadeiras utilizadas pela artesã tem função de posto de trabalho improvisado, a cadeira da lateral serve para secagem das caixas que aguardam o tempo de novo retoque, e a da frente é para execução do trabalho. Percebemos que com tempo estas artesãs buscam dentro de suas próprias casas objetos já existentes e dão a eles novas funções.



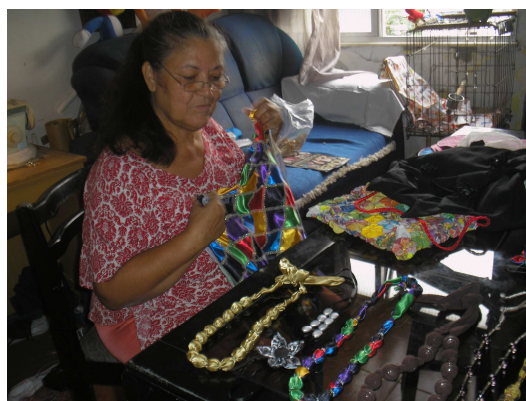
Observamos que este improviso ocorre porque as artesãs buscam melhorar seu posto de trabalho e produzir de maneira que não prejudique sua saúde. Além disso há uma carência no setor artesanal de ferramentas específicas para cada trabalho, por isso utilizam e improvisam ferramentas que as ajudem a trabalhar com mais rapidez até obter o desenho ou a forma desejada.

Conhecemos também D. Rosa, moradora de Jacarepaguá, ela também produz artesanato em sua casa. D. Rosa é envolvida com carnaval há mais de 30 anos, já trabalhou confeccionando fantasias em barracões e até mesmo em casa, “Agora não faço mais nada de carnaval na minha casa, não tenho espaço, prefiro fazer meus colares, pulseiras, algo mais simples”, afirma. D.Rosa utiliza dois espaços de sua casa para produzir suas peças, o primeiro espaço é a sua sala, “Como minha mesa é lisinha dá para trabalhar bem, e além disso eu posso apoiar minha perna em uma das cadeiras”, conta. E o outro espaço é sua área de lavanderia, o qual ela denomina de atelier, vejamos estes dois espaços consecutivamente.



Durante as saídas de campo, quase tudo que é produzido por estas artesãs é mostrado, assim podemos conhecer bem como e com que elas trabalham. D.Rosa diz que também costura, então tem muito aviamento e material em sua casa. “É muito difícil guardar tudo isso, mas eu dou um jeitinho”brinca.

Este é o primeiro espaço utilizado pela artesã, sua própria sala. Aqui ela costura e monta os colares. “A altura desta mesa é ótima para mim, eu ligo a TV e trabalho quase todo o dia.”



O outro espaço utilizado pela artesã é sua área de lavagem de roupas, ela usa o próprio tanque. “Gosto de trabalhar aqui por causa da iluminação e também quando preciso fazer alguma pintura, estas coisas sujam muito, aqui é melhor para mim.” conta. D.Rosa coloca sobre o tanque uma placa de eucatex, o que seria sua mesa e seu posto de trabalho.



Quanto a estocagem do material, ela também utiliza potes de sorvete, assim ela guarda ferramentas e estoca aviamentos e materiais.



D.Rosa faz aproveitamento de pequenos potes para guardar miçangas e alfinetes, como os de filme, remédios, mas como não são transparentes ela mesma faz os rótulos, para não se perder de cada tipo de avião.

Através da análise exploratória observamos que há um certo cuidado destas artesãs na escolha dos frascos para armazenagem dos aviamentos e ferramentas. Para miçanguinhas e material bem pequenos elas utilizam potes menores e mais fáceis de guardar, e para ferramentas maiores ela usam potes grandes com tampa de rosca que dificultam o acesso. “ Na minha casa não tem criança, mas tenho medo de alguém se machucar, então prefiro guardar chaves de fenda, facas e alicates pontiagudos em potes de rosca, pois não abrem facilmente.” Diz.



D. Rosa, conta que quando precisa já sabe onde está o que ela quer. “Estes frascos são ótimos! aproveito a maioria deles.” Afirma.



Para evitar o desperdício de material durante a montagem de suas peças, D.Rosa usa forminhas de empada, apesar de não serem transparentes consegue-se distribuir as miçangas por cor.

Durante as conversas com as artesãs em suas residências, conhecemos como acontece a utilização de ferramentas do próprio artesanato, como se dá a improvisação de ferramentas não pertencentes ao uso do artesão e como estas artesãs adaptam estas ferramentas segundo sua necessidade. Assim como Adriana, moradora de Ricardo de Albuquerque. Ela produz em sua casa além de bijouterias, adereça mascarás e bordas roupas também. O espaço utilizado pela Adriana é sua cozinha pois é o maior cômodo da casa. “Na cozinha é que eu faço tudo, tem mais espaço e consigo acomodar tudo o que tenho, porque é muita coisa”, conta. Adriana trabalha com artesanato a mais de 10 anos já fez bordados e gargantilhas para passistas de samba , trabalha com pedrarias e

crochê. “faço coisas simples e já tem outras que são mais elaboradas, exige mais tempo, concentração e ferramentas próprias para trabalhar, se não fica feio e o cliente não quer, tenho que fazer e ficar bonito!”, brinca.



Na imagem acima, mostra a cozinha da casa de Adriana onde ela trabalha, neste caso ela faz aproveitamento do espaço maior que há em sua casa para criar, fazer bijuterias e bordados diversos. As vezes Adriana trabalha a noite também para dar conta de todos os pedidos, assim ela usa uma luminária para facilitar sua visão. A luminária também serve de suporte para dependurar colares prontos e pulseiras.



“Na verdade eu tenho duas mesas, uma para família e outra para trabalhar, minha cozinha é grande prefiro trabalhar nela, na mesa que eu trabalho eu uso uma toalha sobre ela e sobre esta toalha eu uso um pedaço de tecido mais grosso de veludo, isto ajuda a não desperdiçar material, pois as miçangas são lizinhas rolam a toa,” diz.

Abaixo vemos um pouco mais do trabalho que Adriana faz em casa, além de colares, pulseiras, há também anéis de miçangas onde são anexados pedrarias e lantejoulas de santinhos.

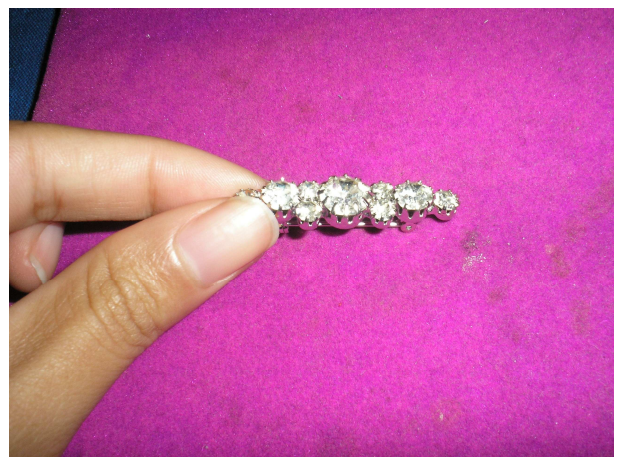


Anéis de miçangas.



Gargantilha toda bordada em miçangas, pedrarias e paetês.

Adriana não trabalha apenas com material de plástico para montar os colares. Há algumas peças que são montadas com material um pouco mais caro. “Além de eu utilizar as miçangas eu uso estrasse para fazer peças mais sofisticadas, e é mais um motivo para usar o veludo, porque sua aderência não deixa eu perder facilmente os estrasses, perder estas pedrinhas é perder dinheiro,” conta.





Colares e pulseiras de pérolas



Bordados de com paetês.



Blusas bordadas com pedrarias e linhas em alto relevo.



Luminária como citado anteriormente, também é utilizada como suporte de colar e apoiador de porta alfinete.



Há também a utilização de vasilhames de cozinha, neste caso, porta cebola. “São redondinhos, eu uso para guardar pulseiras pequenas, e também na feira o cliente pode experimentar na hora,” afirma Adriana.

Para armazenar ferramentas pontiagudas, Adriana reutiliza uma vela gasta, pois sua borda é larga e apóia os alicates e tesouras.



Além de apoiar as ferramentas de trabalho, permite o acesso rápido as mesmas. Para Adriana é mais fácil pegar, usar e por de volta do que guardar em potes de plástico, já que ela utiliza de forma continua estas ferramentas.



Há também improviso de expositor de peças artesanais. Segundo as artesãs, é notável a carência de não apenas estantes portáteis, mas mini suportes que facilitam a visibilidade do cliente. Há colares e pulseiras bem elaborados que ficam totalmente escondidas, por falta de espaço na exposição.

Ao perceber esta necessidade Adriana improvisou um mini cabide que serve para expor de maneira mais visível os colares fins que ela produz. “ Agora ficou mais fácil, é só dependurar e pronto!,”brinca.



O improviso nas ferramentas de trabalho é algo que também acontece no cotidiano destas artesãs. As imagens seguintes, mostram a adequação de uma agulha de crochê afim de facilitar a pega e agilizar o produção.



Como a agulha é muito fina, há uma dificuldade para manuseá-la. Assim a mesma foi anexada ao refil de uma caneta. “Esta idéia surgiu, quando eu trabalhei dando aulas de crochê em presídio, os homens tem as mãos maiores, então pegar a agulha é um horror!!!, então eu reinventei a agulha de chochê,” brinca Adriana.

Todas estas mudanças e improvisações feitas no dia a dia destas artesãs contribuem para a eficácia da produção de artesanato em suas residências. A necessidade faz com que elas mesmas construam, modifiquem e improvisem o que precisam. O trabalho é normalmente executado de forma solitária, assim como os improvisos das ferramentas de trabalho, a escolha do espaço e a forma mais confortável de produzir suas peças.



Na casa de Adriana a sapateira serve de armário para estoque de material e aviamentos, além das caixas de sapato.

Na parte interna da sapateira, há prateleiras o que facilita o organização de inúmeros tipos de matérias.

Adriana também utiliza potinhos de remédios, de sorvetes, frascos e caixas pequenas e grandes.



Frascos de remédio é utilizado para guardar miçangas e alfinetes. Como não são transparentes, os mesmos são sinalizados através de rótulos.

Conclusões

Durante as conversas com as artesãs em suas residências, foi possível conhecer como elas colocam em prática o que aprenderam nas oficinas de artesanato carnavalesco, assim como a utilização de ferramentas do próprio artesanato, como se dá a improvisação de ferramentas não pertencentes ao uso do artesão e como estas artesãs adaptam estas ferramentas segundo sua necessidade. Além disso, foi possível também observar o local de depósito de material e aviamentos utilizados por elas, principalmente o setor de trabalho utilizados por elas para execução de artefatos. As entrevistas foram feitas através de conversas livres o que possibilita a fala da artesã de maneira mais descontraída. Através desta análise observatória visamos saber com mais detalhes sobre o trabalho destas artesãs em suas casas, assim como melhorias em suas residências, as mudanças necessárias para trabalhar bem em sua própria casa, suas preocupações quanto a saúde física e mental, já que algumas artesãs se dispõem a trabalhar durante a noite, o que pode prejudicar sua visão. A pesquisa desde o início já é uma ação em design, e como resultado concreto foi produzido, após uma criteriosa investigação neste setor, um produto para produção de máscaras. Enquanto a mesma está em processo de sigilo para patente, fomos a campo e investigamos os fazeres destas artesãs em suas residências, assim descobrimos inúmeras formas de improviso feito por estas artesãs, o que foi descoberto e se houver possibilidade de tempo, haverá a sugestão/criação de um novo sistema de organização e produção de artesanato residencial.

Referências

- BARROS, L. A. **Design e Artesanato: as Trocas Possíveis**. Rio de Janeiro, 2007. 132p. MSc (Programa de Pós-Graduação em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- CABRAL, F.G.S. **Saberes Sobrepostos: design e artesanato na produção de objetos culturais**. Rio de Janeiro, 2007. 137p. MSc (Programa de Pós-Graduação em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- GOMES DE OLIVEIRA, M. L. **Bordado como Assinatura: tradição e inovação do artesanato na comunidade de Barateiro – Itapajé/CE**. Rio de Janeiro, 2006. 164p. MSc (Programa de Pós-Graduação em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M, “O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Aceito para publicação em 2006. No prelo.